

O sagrado e o profano na Festa da Flor, património imaterial do noroeste de Portugal

The Sacred and the Profane at Festa da Flor,
Intangible Heritage of Northwest Portugal

*Henrique Rodrigues*¹

Resumo

A vila de Alvarães organiza anualmente a Festa de Santa Cruz e dos Andores Floridos, festa profana e sagrada. A componente sacra da festividade é mais visível nas cerimónias litúrgicas dominicais, enquanto o laico está bem patenteado nas actividades lúdicas nocturnas de sábado e domingo. A principal atracção festiva é sacro-profana, centra-se no património cultural, os andores e cruces cobertas de milhões de pétalas. Para a execução desta arte, reúne-se a população por lugares e cada um faz um andor para um santo. Nesta actividade intervém toda a população, que dedica várias semanas de trabalho à arte efémera. O serão nocturno é um tempo de convívio entre sexos e de transgressão consentida, sem a presença do sagrado. Nesta povoação, a economia de festa assenta em ofertas financeiras de todos os habitantes, onde a vontade de mostrar a arte efémera aos visitantes é a razão da festa. Com este texto, pretende-se divulgar uma festa onde a flor é fundamental para o património imaterial de uma vila portuguesa.

Palavras chave: festa, arte, flor, património, profano, sagrado.

Resumen

El pueblo de Alvarães organiza cada año la Festa de Santa Cruz e dos Andores Floridos, fiesta profana y sagrada. El componente sagrado de la fiesta es más visible en las ceremonias litúrgicas dominicales, mientras que el secular está bien patentado en las actividades lúdicas del sábado y el domingo. La principal atracción festiva se centra en el patrimonio cultural, con pedestales y cruces cubiertas con miles de pétalos.

¹ Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro e APHVIN-GEHVID, Porto, Portugal,
ORCID 0000-0002-0885-7119, h.f.rodrigues@sapo.pt

Para ejecutar dicho arte, la población se reúne por zonas, cada una a cargo de un pedestal para el santo. Todos los habitantes participan en la actividad, que requiere varias semanas de trabajo al arte efímero. La noche es un momento de convivencia entre sexos y de la trasgresión, en ausencia de lo sagrado. En el pueblo, la economía de la fiesta se basa en sus ofertas financieras provenientes de los propios habitantes; el motivo de la fiesta es mostrar el arte efímero a sus visitantes. Con el presente artículo, se pretende promover una fiesta donde la flor es fundamental para el patrimonio inmaterial de un pueblo portugués.

Palabras clave: fiesta, arte, flor, patrimonio, profano, sagrado.

Abstract

The village of Alvarães annually hosts the Festa de Santa Cruz e dos Andores Floridos (Feast of Santa Cruz and the Flowery Pedestals), a profane and sacred celebration. The sacred component of the festivity is most visible in Sunday liturgical ceremonies, while the secular is well patented in the evening play activities of Saturday and Sunday. The main festive attraction is sacred and profane; it focuses on cultural heritage, with pedestals and crosses covered with millions of petals. For the execution of this art, the population gathers by zones and each one makes a walk for a saint. The entire population takes part in this activity, which dedicates several weeks of work to ephemeral art. The evening is a time of conviviality between the sexes and of permitted transgression, without the presence of the sacred. In this village, the party economy is based on financial offers from the entire population, where the desire to show ephemeral art to visitors is the reason for this celebration. With this article, we intend to promote a festivity where the flower is fundamental to the intangible heritage of a Portuguese village.

Keywords: festivity, art, flower, heritage, profane, sacred.

Introdução²

A festa é uma manifestação colectiva de exaltação lúdica, que remete para a identidade e herança cultural, sendo também um património imaterial. No contexto religioso, tem implícita uma manifestação de fé. Seja profana ou sagrada, só existe porque estamos em comunhão com o Outro, socializando e convivendo: paramos as rotinas e fruímos de momentos de ócio. A festividade proporciona o prazer de a organizarmos, de nela participarmos e de facultarmos aos forasteiros momentos de encontro e júbilo, convidando-os a visitar-nos; somos anfitriões, partilhando a nossa herança cultural e divulgando-a. Neste sentido, todas as localidades e povos têm “as suas festas”, sendo por isso um acontecimento universal (Costa, 2016: 123-124), promovendo a circulação de pessoas e bens, o encontro e as sociabilidades. Viver estes momentos, partilhá-los e senti-los é uma manifestação de liberdade e extravagância, quebrando as rotinas diárias ritualizadas.

2 Agradeço as sugestões dos avaliadores, especialmente pela leitura atenta, que ajudaram no despiste de gralhas e imprecisões.

No passado, a festa, tal como a romaria e mesmo a feira, celebrava-se com periodicidade cíclica, ocorrendo anualmente e em momentos quase únicos, forma de os povos se libertarem da vida penosa do quotidiano (Oliveira, 2010: 535); época de folgar e de diversão, suspendendo as fainas da terra, criando espaço para o caos e a desordem (Lopes, 2004: 43). Cada concelho celebra um feriado municipal, correspondente ao dia da festa do município.

Um tempo e um espaço para fruir do folguedo e gozar a folia, momentos de fé e lúdicos, de liberdade e euforia, de equilíbrio e de ruptura, com muita música, cantos e dança, gente em excesso, luz, cor, ruído, movimento e mesmo confusão, mas também de bom e melhorado repasto, assim o proporciona o tempo da celebração. A festa é a memória ao vivo e em movimento, enquanto espectáculo de poderes e jogo de representações. É a antítese das vivências quotidianas, convivendo o sagrado com o profano em exaltação do ócio, pautado por actuações de bandas de filarmónicas, ranchos folclóricos, bombos e zés-pereiras, além de conjuntos de música rock e moderna. O êxtase acontece num quadro de excessos protegidos pela religiosidade e sentimento devocional.

Como obra da colectividade, sítio de encontro, celebração, partilha e cumplicidade, estes tempos unem a população de cada localidade, alimentando o património intangível, quer seja através das práticas sociais, rituais, eventos festivos, tradições e arte do espectáculo (Costa, 2016: 125), quer seja pela manifestação perante o Divino, num acto de fé, para beneficiar da protecção de Deus, mesmo que haja recurso a intermediários sagrados, Nossa Senhora, os Anjos e os Santos. Todos temos a nossa festa, a “festa da minha terra”, com lazer, diversão, reza e oração, mas também o luxo, o vestir novo para a solenidade e preparar bom banquete em família, realça o etnógrafo:

As romarias populares com as suas promessas, as suas fogaças, os seus anjinhos de imensas asas brancas e oscilantes, as suas extensas filas de opas vermelhas, os seus pendões, os seus andores... batidos pelo sol das tardes incendiadas, dir-se-ia que sorriem às multidões prosternadas à sua passagem, fazem parte integrante da vida rural portuguesa. (Vasconcelos, 1985: 303)

Assim se celebrava a vida e se conservava a memória da comunidade, interrompendo as rotinas do trabalho e quebrando o tédio do dia-a-dia, outrora como hoje.

Neste tempo de celebração, reanima-se a memória da comunidade, dando vida às tradições e rituais comunitários, forma de sustentar o património histórico, cultural e religioso. A festa media diferenças sociais e culturais, tecendo pontes entre grupos, gerações e as suas realidades e utopias (Amaral, 1998: 10). Esta celebração é sempre um espectáculo concorrido, com as procissões e arraial, diversões de vários tipos, onde se canta, dança, toca música, come, se faz comércio, se cozinha e dorme, onde não faltam barracas da romaria (Sanchis, 1992: 143) e expositores para a venda de toda a sorte de produtos.

A festa tem momentos de convivialidade, unindo e fortalecendo as relações sociais, celebrando e sacralizando a experiência humana, estabelecendo elos entre o divino e o mundano, sendo participativa, com um carácter lúdico bem acentuado (Amaral, 1998). Neste quadro estão as

festividades cíclicas, romarias, festas, jogos e vindicta popular (Oliveira, 1984). Mesmo que seja de perfil laico, ao aproximar as populações, a festa exhibe aspectos do cerimonial religioso, promovendo movimento, estado de efervescência e êxtase, com manifestações colectivas, cujos excessos ficam na fronteira do lícito/ilícito, onde o indivíduo se anula a favor do grupo, enquanto energia colectiva. Assim se quebram, por tempos breves, as amarras impostas pelas regras da sociedade, dando espaço ao interdito, num quadro de socialização intensa e fugaz, afirma o antropólogo, relativamente ao arraial-romaria (Sanchis, 1992: 143).

Interessa-nos a Festa da Flor, enquanto reunião de membros de uma comunidade, para celebrar a “Santa Cruz”, embora o lúdico, a arte, a estética, a tradição e o património cultural assumam um papel importante para participantes e espectadores. É um tempo e espaço de encontro, celebração, partilha, cumplicidade, palco de actualização da memória colectiva, sendo uma realidade comum a todos os intervenientes, outorgando um sentido ao grupo. Enquanto tempo de lazer e fruição do acontecimento, a celebração dá sentido à vida e às suas actividades, estejam ou não associadas à agricultura e outras funções, como a produção vinícola.

Nesta vila do concelho de Viana do Castelo, a Festa de Santa Cruz e Andores Floridos exhibe onze peças confeccionados com milhões de pétalas. Além destas esculturas “pintadas” com flores, também se cobrem cruzeiros com pétalas, expostas junto ao cruzeiro da vila, umas em madeira e outras de pedra, existentes ao longo da via pública, todas são decoradas.

Estas festividades inserem-se no ciclo vianense da flor e são uma atracção municipal, apresentando os forasteiros com a exibição da arte efémera, destacando-se uma paleta de cores e perfumes, aromatizando os sítios de passagem da procissão de sábado e de domingo, ritual onde o carácter sagrado se funde com a manifestação artística e a beleza natural.

A economia da festa

Toda a festa exige esforço financeiro. É necessário reunir um fundo capaz de responder aos gastos com fogo-de-artifício, bandas filarmónicas, bombos, zés-pereiras, a presença de fanfarra da Guarda Nacional Republicana, iluminação e ornamentação das ruas, licenças de uso de espaços, mas também a construção dos andores, entre outras despesas. A comissão de festas elabora um quadro de acção, faz contactos e reúne orçamentos relativos aos principais gastos, enquanto vai angariando verbas. Os peditórios feitos porta-a-porta, acontecem aos domingos, e levam cada fogo (casa) a colaborar com o que pode. Os valores recolhidos são anotados em registo para o efeito, com nome do colaborante e montantes por habitação; fazem-se leilões de produtos agrícolas, junto à matriz, assim como mini feirões, onde há comes e bebes, destacando churrasco e fumeiros; tudo concorre para a economia da festa.

As empresas regionais fazem ofertas a troco de publicidade, geralmente numa publicação com o programa, posta à venda no comércio local para obtenção de mais verbas. Outros donativos autárquicos e de emigrantes concorrem para esta empresa.

Os montantes são administrados em circuito fechado, cujos balanços podem ser divulgados no jornal da paróquia, resumindo-se a gastos mais ou menos genéricos e ao deve e haver. Quando

há saldo positivo, esse dinheiro transita para o ano seguinte, sendo entregue à respectiva comissão. Raramente se divulga detalhadamente o valor recolhido, devido ao receio de as finanças cobrarem o respectivo imposto, o que indicia a existência de uma economia subterrânea, não declarada, onde entram serviços litúrgicos. É muito importante ter filarmónicas creditadas, iluminação, ornamentação e bom fogo-de-artifício, que são pagos através dos fundos recolhidos. Também não devem faltar grupos musicais, cantores a solo e ranchos folclóricos, para animação dos vários públicos. Estes actores da festa são idênticos aos de outras terras e através deles avalia-se a importância e riqueza da localidade.

O silêncio em torno deste tema, quanto se reuniu e quanto se gastou, é tabu. Dele ninguém quer falar, mesmo em conversas informais. Podemos dizer que os gastos com os andores, em flores e materiais, rondam os mil euros, segundo a informação de um organizador do andor de Santa Cruz. Considerando este valor, o investimento nos andores de todos os lugares ronda entre dez a quinze mil euros; sabemos então que são precisas várias dezenas de euros para sustentar uma festa desta natureza, além de muito trabalho.

A grande questão coloca-se ao nível do retorno deste investimento. O voluntariado de toda a população reduz os custos ao essencial, enquanto as principais despesas são transversais a outras terras. Restam os trabalhos de composição e ornamentação dos andores e outras peças, que são gratuitos.

Uma localidade como Alvarães não tem retorno imediato. O reconhecimento da sua arte, da memória cultural e da hospitalidade são a maior realização do povo, que se exhibe nesta festa. A boa divulgação do nome da vila beneficiam indirectamente casas comerciais, indústrias e profissões ligadas à construção civil, promovidas pela imprensa e pelos boletins da festa. A dinâmica económica gerada durante dois dias é irrelevante e circunscreve-se à venda de comestíveis, bebidas, doçaria ambulante, diversões, assim como lojas, cafés e restauração local. A dinâmica destas actividades é intensa durante um fim-de-semana, mas não representa a sobrevivência destas casas de pasto e similares de carácter familiar.

Mas a festa e o lazer também gerem quadros económicos, levando as instituições públicas e privadas a investir, com o fim de obterem retorno de carácter político e financeiro, através da cobrança de impostos, mobilizando o sector hoteleiro e turístico, gerando divisas avultadas (Amaral, 1998) e promovendo o desenvolvimento de vários sectores, sejam religiosos ou laicos. É um espectáculo sempre concorrido com procissões e outras actividades cerimoniais, de culto e diversões variadas.

Festa dos Andores Floridos

Tendo por epicentro uma freguesia do concelho de Viana do Castelo, ao noroeste de Portugal, daremos nota dos resultados de um projecto delineado em 2016, sobre “Património Imaterial, Criatividade, Arte, Cultura e Herança Cultural”. Nesta vila, não se trata de enquadrar a festa no contexto agro-pecuário ou da vitivinicultura, embora haja recurso, em grande medida, à flora campestre. Estes quadros celebram a primavera, a flor e a vida, mas também a Ascensão do Senhor. A vila de Alvarães, cuja paróquia adoptou por orago o Arcanjo São Miguel, tem como

momento de celebração grande a Festa de Santa Cruz, que se realizava no feriado de quinta-feira da Ascensão, em maio. Com o fim do “dia santo”, o tempo de partilha com visitantes de outras localidades transitou para o sábado e domingo da semana da Ascensão, dias de festividade na comunidade, podendo a celebração ser adiada ou antecipada, para não coincidir com outras de terras vizinhas, especialmente a Festa das Rosas e Festa de Nossa Senhora do Livramento, em Vila Franca e em Fragoso, para que os seus habitantes e os naturais daquelas paróquias possam fruir da memória cultural e religiosa alvaranenses.

Esta terra apresenta-se como uma das paróquias que bem preservam o património imaterial, mantendo-o vivo através da produção cíclica de arte efémera, os *Andores Floridos*. Esta herança intangível é sustentada por toda a população da vila, num ritual prazenteiro, em honra de Santa Cruz. Assim se patenteiam o saber-fazer, a arte, a cultura, os costumes, a celebração, marcas de identidade cultivadas e geridas por várias gerações, os alvaranenses legatários desta herança cultural. Atentemos na descrição seguinte:

A festa [dos] Andores Floridos de Alvarães é uma das mais poéticas manifestações de fé, cultura e arte popular [...] um verdadeiro vislumbre de cor e perfume de flores silvestres. O bordado desta arte popular move anualmente os alvaranenses à concretização de onze admiráveis andores revestidos por pétalas de flores, coladas uma a uma e catorze cruces igualmente bordadas. Difícil de descrever a policromia das cores, o engenho e arte dos andores floridos, a majestosa procissão e a magia do arraial [...] contagiavam os milhares de visitantes que engrandecem o ego da vila. (Ferreira, 2015: 123-125)

Homens, mulheres, jovens, crianças, toda a gente de um lugar dá continuidade ao ritual de composição escultórica do “seu andor”, tendo-o como o mais belo. Estes artistas plásticos concebem, num quadro de economia cultural, uma dinâmica artística com múltiplas e autênticas gramáticas pictóricas, cuja paleta de cores é formada por pétalas, e cada “pincelada” contribui para um quadro de beleza ímpar.

O *modus operandi*, o ritual, a sociabilidade, as vivências, e mesmo a “concorrência” entre andores e a emulação bairrista, a religiosidade, a festa nas múltiplas formas de celebração e o saber exibido constituem a essência da identidade desta população, cuja sabedoria de cada indivíduo e grupo proporciona uma cachoeira artística irreverente, e por vezes surrealista, transformando-se em património único. Nos dias da festa, cada lugar apresenta os resultados do trabalho aos conterrâneos e aos visitantes, onze peças escultóricas encimadas pelo Sagrado, obras de arte coloridas com flores.

Aos visitantes, encantados pela magia da composição plástica e impossibilitados da posse, pois a beleza não tem preço por não ser vendável, é proporcionada a fruição da pulcritude irradiada das esculturas policromáticas, que a todos encanta, o “escultor/designer”, o artesão/artista e o público/apreciador.

Estas memórias inserem-se em contextos cerimoniais, actividades asseguradas pelo esforço de toda a comunidade, promovendo uma dinâmica de romaria aprazível, gente em busca da arte e do exotismo, mas também do belo e da beleza,³ proporcionados pela autenticidade criativa e artesanal, conjugando arte e religiosidade. O ambiente social e de devoção têm uma marca afectiva, forte e inclusiva, agregando crianças e jovens, escuteiros e estudantes de vários níveis de escolarização, assim como os utentes do Lar de Idosos da paróquia, que fazem réplicas em miniatura desta arte, num “antelóquio” artístico, emprestando simbolicamente tempo e espaço à celebração informal das franjas etárias desta localidade (crianças e “velhinhos”). Outros compõem as cruzeiras da via-sacra, pintando um arco-íris celestial, que serão expostas a céu aberto, junto ao cruzeiro da freguesia. Ninguém fica arredado do ritual festivo e da memória antropológica, um manifesto da vontade em manter viva esta herança. Trata-se de anunciar o tempo de júbilo, de chamar gente para a celebração e exposição. Esta exibição artística e sagrada valoriza, integra e compromete socialmente os habitantes da paróquia.

Passados alguns dias, a azáfama concentra-se em cada casa do andar ou “coberto rural”, o espaço ritualizado e disponibilizado para a composição artística, cujo proprietário, geralmente, organiza e coordena as várias actividades conducentes à produção destes quadros.

Na tarde de sábado, preparada que está a peça de arte, inicia-se a marcha com as esculturas suportadas por mancebos. Os séquitos, formados por uma massa popular heterogénea na composição, sexo, idade e estado civil, presididos por membros da igreja, seja um sacerdote ou uma religiosa da congregação das Irmãs Espírito Santo residentes na localidade, percorrem longas distâncias, alguns deles vários quilómetros, ao som de música da filarmónica, cujas melodias são intervaladas por cânticos e orações. O cortejo vai crescendo, à medida que os andores dos lugares mais afastados avançam estrada acima, juntando-se vários, até se encontrarem no epicentro, no cruzamento dos eixos rodoviários, no princípio da Avenida da Igreja, ponto de partida do desfile artístico, em manifestação de fé. O momento de apoteose ocorre quando se encontram as onze esculturas, exalando um perfume inebriante, dando início a uma exibição profana sob protecção de cada patrono santificado, entrando pelo espaço sagrado, a igreja matriz. Aqui assiste-se à promoção de diálogos entre Deus e os Homens, por intermédio dos Santos, conjugando beleza, fé e património, entregando as obras de arte ao Divino e mostrando-as à população. Assim começa a festa de Santa Cruz e Andores Floridos de Alvarães.

Os andores coloridos por pétalas

Feito este intróito, eis algumas questões: quem participa na “pintura” do andar? Quando o fazem? Quantos dias de trabalho? Como se é iniciado nesta composição artística? Que devoção existe sobre cada Santo e como se manifesta? Com que idade se colabora neste “certame” artístico, que nasce e morre ciclicamente? Em que medida a festa religiosa se separa da profana no contexto artesanal e cultural? As metodologias de trabalho, a distribuição de tarefas, a gestão dos tempos e da composição da obra conduzem-nos a outro conjunto de interrogações, para as quais não há resposta em obras académicas.

3 Sobre a problemática da beleza, ver Eco (2002).

Para melhor conhecermos este património, tentando responder aos quesitos elencados, procedemos à recolha de dados, através do registo fotográfico dos vários momentos da fase de composição, por andar: o antes e o depois dos trabalhos, até ao momento de exibição e ostentação da peça de escultórica, a concepção da arte escultórica, a produção das telas perfumadas, identificadas por “quadros” e as procissões. Usamos dois tipos de inquéritos: um a quem “compõe” os andores, outro de rua, e recorremos à história oral, com cinco entrevistas em suporte digital.

Continua por se explicar, com recurso a fontes históricas, a origem dos Andores Floridos (Cepa, 1939: 117-119). Não há outras festas com este perfil, embora existam terras onde se fazem flores de papel para ornamentação de ruas, nada comparado a Alvarães. Num tipo distinto, mas merecedor de apreço, estão os “Cestos das Festas das Rosas”, em Vila Franca. Há diferenças no estilo, composição, estrutura, *modus faciendi* e partilha de tarefas. Estes cestos apresentam “quadros”, feitos por especialistas, usando para fixação alfinetes, enquanto os andores são coloridos por “mãos de aldeãos” com pétalas coladas.

Há cerca de oitenta e quatro anos, as celebrações de 1936 anunciavam a quinta-feira como um dia festivo para Alvarães, com uma “imponente e magestosa (*sic*) procissão de lindos e artísticos andores... e muitos anjinhos”. Este era o momento alto da celebração, realçando arte e beleza como elos fortes, nesta “grande romaria das cruzes” (Pinto, 2012: 38-69). Os tempos de convívio, no ano referido, decorreram de quarta a sábado, terminando com uma “procissão, na qual aparecerão alguns números novos”. A imprensa reforçava o esplendor deste quadro aromatizado com “flores e mais flores... [e] arcos triunfais” (Pinto, 2012: 40) no contexto da bênção da nova igreja. Uma outra imagem fixa-nos a vista na “avenida do cruzeiro [...] um verdadeiro tapete [...] uma constante chuva de flores”. Ontem, como hoje, um cenário composto pela beleza das pétalas, de cores vivas e primárias, cheirosas, de onde exala um aroma primaveril, dando intensidade ao perfume do ambiente de diversão e alegria, tudo adensado na artéria conducente ao templo, o espaço festivo. Seguindo os elementos cronológicos a que deitámos mão, a referência às celebrações, em 1940, deixa boa nota sobre o préstito “com numerosos e aparatosos andores” (Pinto, 2012: 44), cuja festividade decorre ciclicamente pautada pela Ascensão, neste ano, entre 30 de abril e 2 de maio. As rotinas agrícolas paravam em Alvarães, com apoteose no dia de feriado.

Os programas de divulgação do tempo festivo mantêm, passados dois anos, a mesma fragrância e imagens da “procissão com numerosos e aparatosos andores”, frisa a aludida fonte, em 1942, sublinhando o fausto e grandiosidade do cortejo.

Com mais detalhe, o programa de 1943 permite-nos desenhar o percurso do préstito, na véspera do dia maior da celebração, com uma procissão, às vinte horas, circulando da matriz “até ao lugar do Calvário e em que serão levados os andores do Senhor dos Passos e de São Sebastião” (Pinto, 2012: 46). No dia Santo, o momento de maior aproximação ao Sagrado ocorre pelas 19 horas, numa “soleníssima procissão com numerosos andores”. Celebrar o Divino e o santificado fora do templo, com dois cortejos, conjugando o ambiente primaveril, circulando por áreas e sítios afastados do centro de devoção, davam fama a Alvarães, com vida nova e criatividade. Este itinerário surge balizado por dois cruzeiros: um no lugar da igreja e outro no do Calvário. Indirectamente é feita menção à Via-Sacra que remete para a morte e ressurreição de Cristo.

Em 1948 vem no cartaz uma “procissão com numerosos e aparatosos andores artística e liturgicamente confeccionados... as 14 cruzes do percurso estarão floridas e artisticamente ornamentadas”. Esta é outra alusão ao embelezamento das cruzes de pedra com flores, assinalando a Ascensão. Os andores “pintados com pétalas”, juntamente com as cruzes, ganhavam importância com impacto social e festivo.

As flores perfumadas de tons variados dão vida à “procissão com numerosos e aparatosos andores, artística e liturgicamente confeccionados”, constituindo sempre um espectáculo inédito na região, pelo que “causará grande admiração aos numerosos visitantes”, sendo assinalável a beleza das “cruzes [...] floridas e artisticamente ornamentadas”. Esta é uma das mais claras alusões documentais sobre a moderna decoração com pétalas. As actividades festivas serão “dum brilhantismo invulgar, mercê da fé, do bairrismo e da conjugação de boas vontades dos alvaranenses” (Pinto, 2012: 49), refere-se no póster respectivo, dando ênfase ao labor empregado na confecção das peças ornamentadas e empenho da população.

A extinção do feriado da Ascensão, em 1952, obrigou a reformular o tempo da celebração, passando para sábado e domingo. A composição do cortejo, em 1955, era formada por dez andores, “confeccionados com pétalas de flores naturais”, grifado que vai enchendo as papeletas de divulgação até aos anos setenta do século passado.

Ornamentados com flores e materiais perecíveis, cada andor faz o seu percurso, desde o sítio em que foi “pintado” até à avenida da igreja, onde todos se reúnem para o desfile de “entradas”. O séquito segue para o templo, onde os andores permanecem uma semana em exposição.

Inicia-se o tempo do folguedo e folia, viver momentos de júbilo e fé, de silêncio e oração, de liberdade e euforia, de equilíbrio e de ruptura, com muita música, cantos, dança e melhorado repasto, proporcionado pela celebração. O sagrado e o laico coabitam com a exaltação do ócio, pautado por actuações musicais de vários géneros, com o objectivo de mobilizar toda a população. O êxtase acontece num quadro de excessos protegidos pelo divino e tolerados pelo sentimento devocional, com entretenimento caldeado com a devoção.

Proteger o património imaterial

Se os andores são atracções destas festividades, tentemos saber quem participa na produção destas esculturas e com que frequência: homens ou senhoras? Pessoas solteiras ou casadas? Com que idades? Que tempo é dedicado aos trabalhos de composição? Para o efeito visitamos os sítios onde se ornamentam os plintos de cada santo, para aplicar um inquérito, o qual cobriu a população executante dos andores, na noite de sexta-feira, onde se realizaram entrevistas breves.

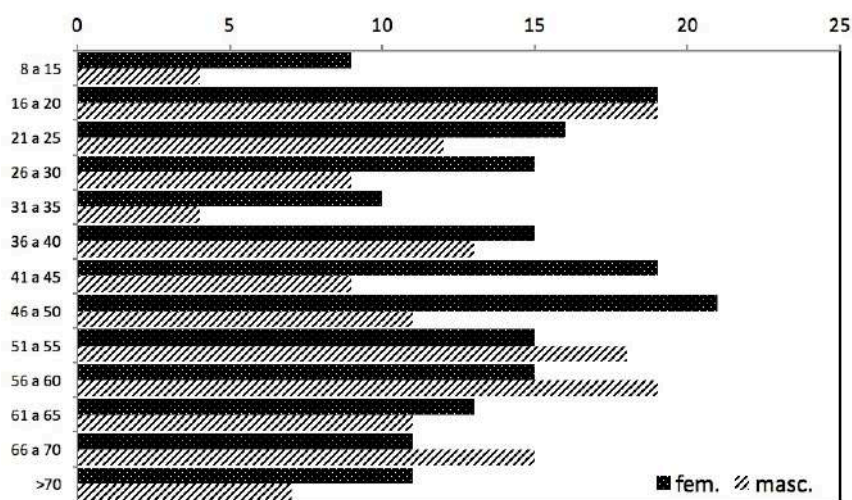
Neste ciclo, onde nada acaba e tudo renasce, terminada a celebração, os andores permanecem doze meses arrecadados em cobertos agrícolas ou garagens, transformando-se em esqueletos de madeira e gesso com flores secas, adormecidos num ambiente rural, para renascem pela Ascensão, vestidos de novas flores. Várias semanas antes das celebrações, são reparados, limpos e recuperados, para emergirem de novo num acontecimento cíclico e efémero.

Preparada a estrutura de madeira, inicia-se a colocação de elementos menos perecíveis e estruturantes. Os trabalhos preparatórios começam cerca de quinze dias antes da exposição. Durante uma semana, haverá serão e convívio entre os colaboradores. Na quinta e sexta-feira, a vigília ganha intensidade com um frenesim controlado em torno de cada peça escultórica e respectivos quadros ornamentais. Homens e mulheres aproveitam os momentos de folguedo, enquanto vão colando, meticulosamente, cada pétala, até terminarem o “seu andor”, contribuindo cada pessoa para os festejos.

Através do inquérito por entrevista, obtivemos uma amostra de 187 intervenientes. A participação feminina é mais notada do que a masculina, tendo elas 54,3% e os homens 45,7%. Ao distribuírmos os números por níveis etários, encontramos “artesãos” de todas as idades.

Os colaboradores têm entre 7 e 83 anos. Se a juventude não deixa de aderir a estas actividades, os gerontes promovem dinâmicas mais intensas, considerando a presença de 60,7% de maiores de 50 anos. Dez em cem têm idades entre os 7 e os 15 anos; a participação vai diminuindo à medida que se avança em direcção aos jovens adultos, inseridos no primeiro lustro de 30 anos (31 a 35), ficando com uma participação minimalista, aqui representados por 2,7% de intervenientes activos (Gráfico 1).

Gráfico 1. Distribuição de colaboradores na composição dos andores, por grupos etários
Graphic 1. Distribution of collaborators in the composition of the pedestals, by age groups

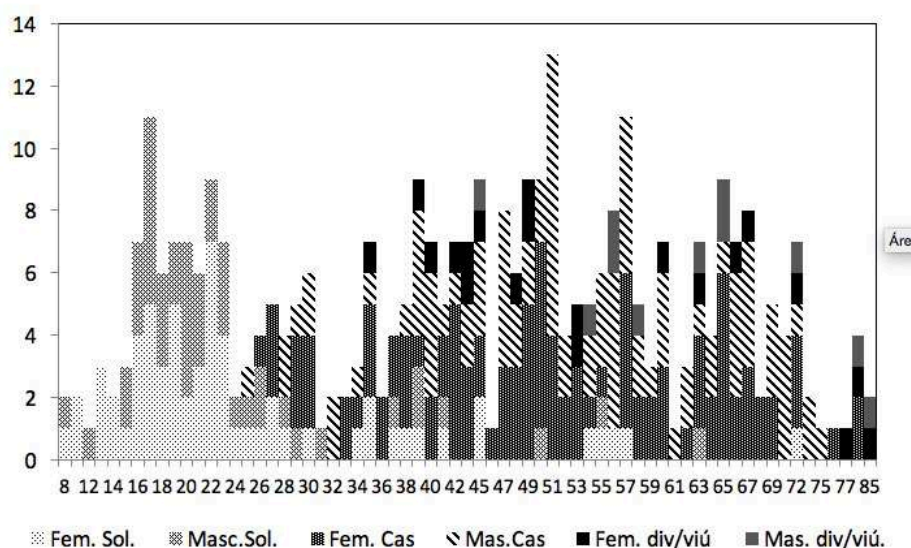


Fonte: inquérito realizado na noite de sexta-feira (13/05/2016). Source: inquiry carried out on Friday night (13/05/2016).

Quanto aos níveis etários, observa-se uma tendência de menor participação até à faixa dos 36-40 anos, mas recuperando a participação, até chegarmos ao grupo de 60-65 anos. Os adultos, homens ou mulheres entre os 55-65 anos colaboram mais nesta “pintura de pétalas”, passando testemunho do património a proteger, acarinhando-o.

A tendência para o “absentismo” de jovens adultos dos 20-35 anos, deve-se à ocupação do sexo masculino nas cruzeiras. As raparigas colorem mais do que os rapazes nos trabalhos nocturnos. Ao observarmos comparativamente os dados, encontramos faixas etárias com predomínio masculino, como seja a partir dos 66 anos, ou nos grupos de 36-40 e 46-50 anos de idade (Gráfico 2).

Gráfico 2. Distribuição de colaboradores por sexo, estado civil e idade
Graphic 2. Distribution of collaborators by gender, marital status and age

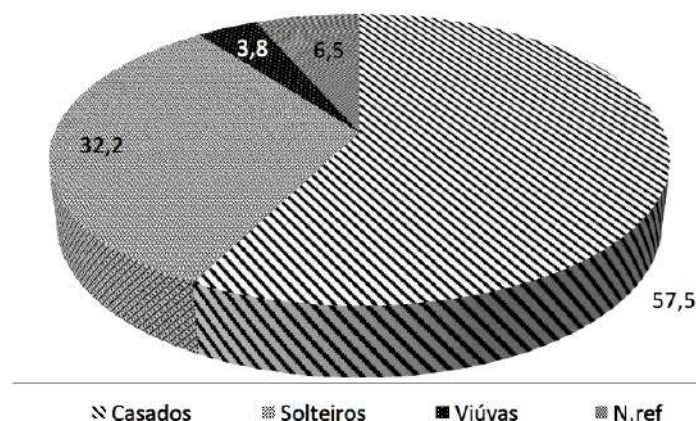


Fonte: inquérito realizado na noite de sexta-feira (13/05/2016). Source: inquiry carried out on Friday night (13/05/2016).

As mulheres afirmam-se pelos valores relativos ao grupo das de 56-65, ganhando espaço nestes saraus, arrastando com elas uma parte da juventude feminina. Ninguém fica indiferente a este património, que viverá enquanto a população o preservar, fazendo-o renascer anualmente.

Na sequência dos resultados apontados, temos uma distribuição por estado civil a reforçar a conclusão de que os mais idosos assumem o ónus da composição do respectivo andar. Os consorciados, homens ou mulheres, entram nestas actividades com 57,5% de representação. Se o segundo grupo é constituído por celibatários, as viúvas também participam. Um conjunto de 6,4% não foi identificado no tocante ao estado civil (Gráfico 3).

Gráfico 3. Percentagem de colaboradores de sexta à noite, por estado civil
Graphic 3. Percentage of collaborators at Friday night, by marital status



Fonte: inquérito realizado na noite de sexta-feira (13/05/2016). Source: inquiry carried out on Friday night (13/05/2016).

Todos promovem um convívio em contexto de diversão. O ambiente profano é consentido, sob o manto do céu. Vive-se o ócio ao serão, frui-se da música de concertina, numa atmosfera alegre, com petiscos e bebidas, encontros de sexos opostos, num convívio saudável, com destaque para os jovens, as viúvas e raparigas, com liberdade para desfrutarem de reuniões nocturnas, sem censura do Santo, ao que os adultos anuem. Assim se produz arte efémera num ambiente laico sobe sob protecção divina.

O sagrado e a folia

A demografia da festa raramente será mensurável com rigor quantitativo, como acontece em todos estes convívios. Pode fazer-se cálculos, considerando a área ocupada pelos festivaleiros, mas destes valores pouco se conhece. Diz-se: havia muita gente, vinda de sítios variados. Trata-se de uma informação vaga, não permitindo rigor, nem representações, conjecturas sem validade científica. Não se pretendendo quantificar presenças, aplicamos um inquérito de rua por entrevista, no domingo, em tempos diferentes, de tarde e após as vinte horas, de forma a abarcarmos a população participante no tempo litúrgico e o profano. Foram validados 340 inquéritos (Gráfico 4).

Gráfico 4. Participação nos tempos da festa por freguesias de Viana

Graphic 4. Participation in feast times by parishes of Viana



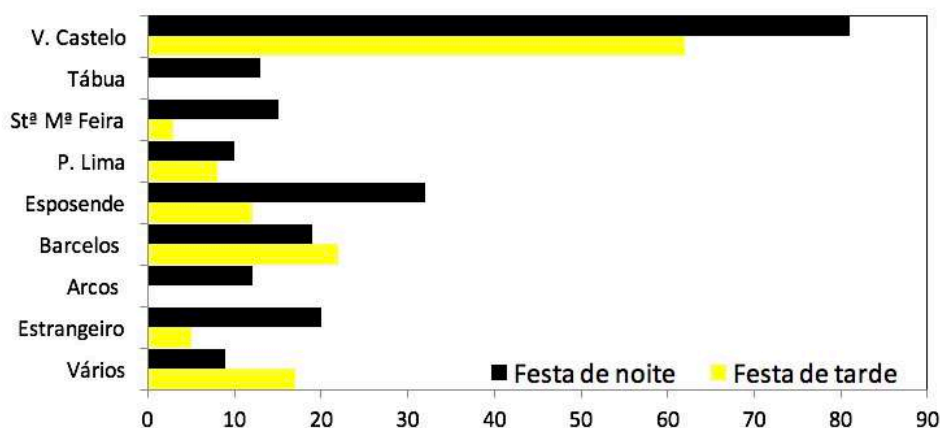
Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

A presença dos foliões de dia e à noite é dominada pelos anfitriões, representando, relativamente ao concelho de Viana, mais de 42% de festeiros. Das pessoas entrevistadas deste município, algumas apenas participaram na diversão nocturna, dando destaque aos urbanos, com perto de 15% de representação.

A distribuição cobre outras autarquias. Viana do Castelo tem mais de 42% de participação; seguem-se Esposende e Barcelos, cujos forasteiros são oriundos de paróquias vizinhas de Alvarães (Gráfico 5).

Gráfico 5. Participação nos tempos da festa, por concelhos

Graphic 5. Participation in feast times, by municipality



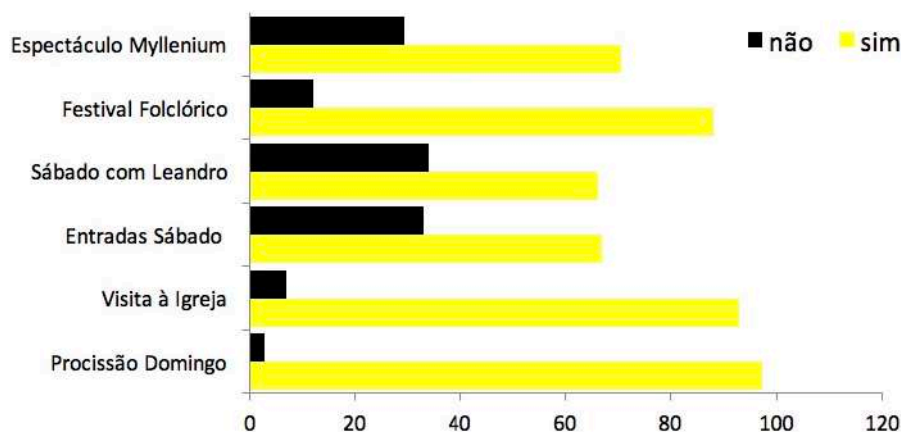
Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).

Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

Pessoas de localidades mais afastadas, dos concelhos de Arcos de Valdevez, Ponte de Lima, Santa Maria da Feira e Tábua, também se deslocaram para ver e viver estas celebrações, assim como os emigrantes estão representados neste inquérito por 7,4%. Como nota final, população da própria vila é dominante. O divertimento nocturno, quando comparado com o momento de celebração e a procissão de domingo, atrai foliões jovens devido ao entretenimento.

Gráfico 6. Participação em momentos de folia e de actividades sagradas

Graphic 6. Participation in moments of revelry and sacred activities



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).

Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

Quando questionados sobre os momentos e frequência destas actividades, relativamente aos momentos de veneração e ao conteúdo profano, perante a resposta dicotómica sim/não, temos no Gráfico 6 uma amostra.

A presença no primeiro dia, aqui representado pelas “entradas” no sábado e pela primeira apresentação dos andores e festa-espectáculo proporcionada por Leandro,⁴ estão entre as menos procuradas.

O quadro religioso tem como pontos de destaque a visita à igreja, a participação em actividades litúrgicas e na procissão, quando o trânsito automóvel é interrompido e desviado por artérias secundárias. Na continuação da análise a estas opções, observa-se um grande fluxo no festival folclórico, ou seja, depois do cerimonial religioso do domingo, segue-se a celebração profana, levando a população a desfrutar dos momentos de prazer. A festa liga-se da oração à música e dança de gosto popular, com ranchos etnográficos. Os festivais nocturnos mantêm viva a diversão e dão intensidade ao prazer mundano. A fechar vem a ilusão do fogo-de-artifício, cachoeiras luminosas, que encantam pela beleza deslumbrante e efémera, colorindo o céu, ligando o homem a Deus, pela via do imaginário.

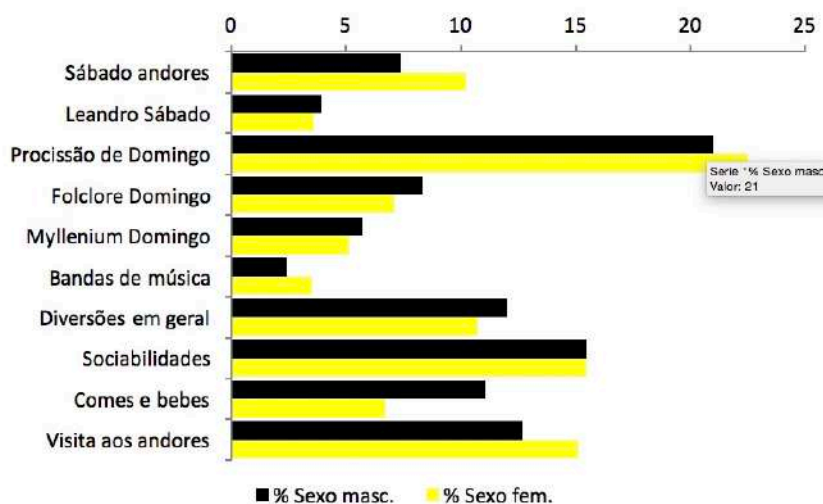
Ao distribuímos as questões pelos tempos de celebração e por sexo, as mulheres, mais do que os homens, entram no séquito do andor para a primeira mostra da arte, no sábado. No mesmo dia à noite, a presença feminina retrai-se, tendo elas recolhido a casa, por serem consorciadas ou mais idosas. Tendo acompanhado o “seu Santo”, cumpriram a missão e regressaram, não tendo ficado para os convívios profanos, mais procurados pelos foliões.

As celebrações têm a marca do género, quer nas visitas aos andores expostos no templo, quer na procissão de domingo. Nas restantes questões, como seja: sobre o folclore, os espectáculos dos grupos musicais, como Leandro e Myllenium,⁵ as diversões em geral e os “comes-e-bebes” estão etiquetados no masculino (Gráfico 7).

4 Leandro é um cantor de música de gosto popular, nascido em Lisboa, em 10 de Janeiro de 1987. Em 2004 participou no programa *Ídolos*, tornando-se numa jovem revelação no domínio da música romântica, passados três anos. O início do sucesso fica marcado pelo concerto na aula Magna de Lisboa. Em 2010, lançou o primeiro disco gravado ao vivo, no Coliseu de Lisboa. As capacidades evidenciadas no panorama musical português permitiram-lhe o melhor acolhimento e popularidade entre a comunidade portuguesa da diáspora. Em <www.skyrock.com> (consultado 15/01/2021).

5 Trata-se de uma banda musical criada em 2005, em Vila Nova de Famalicão, muito requisitada para alegrar tempos de festa, constituída por elementos de ambos os sexos, proporcionando espectáculos onde se conjugam música, efeitos visuais e coreográficos. Em <www.bandamyllenium.pt> (consultado 15/01/2021).

Gráfico 7. Preferência pelos momentos da festa sagrada e profana, por sexo
Graphic 7. Preference for the moments of sacred and profane feast, by gender



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
 Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

No tocante aos momentos de sociabilidades, ambos os sexos ficam com idênticas percentagens, sinal da importância da festa no contexto do encontro e partilha de gáudio em grupo, onde não faltam os casais, sejam celibatários ou consorciados.

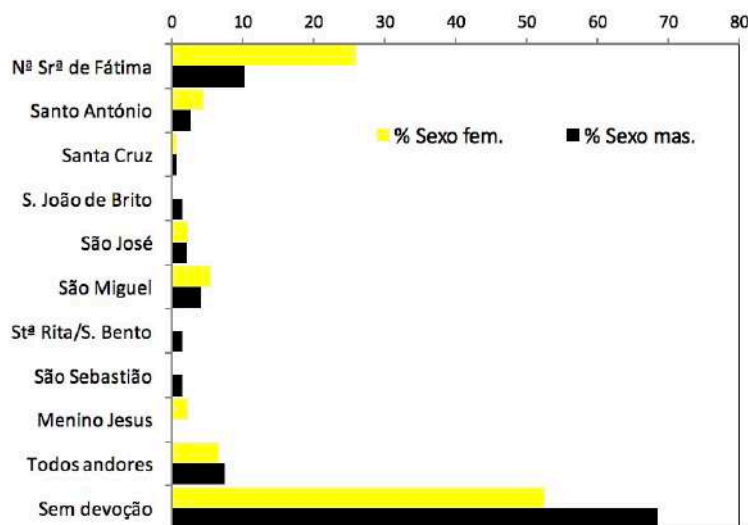
Devoção pelo santo ou gosto pela arte?

A distribuição dos andores por lugares tem sido mantida ao longo de décadas, tendo alguns habitantes ganhado devoção pelo “seu andor”, não o trocando por nenhum, embora outros apenas mantenham uma relação de “afecto”, sem adoração. Este convívio com o Sagrado, através do venerável, não se aprofunda ao longo do ano, mas emerge como manifestação de posse, pelo Santo, ornamentado com carinho e dedicação, em saraus da semana anterior à festa, onde os vizinhos se encontram para confeccionar a escultura, a ser exibida em movimento, na deslocação para a igreja, e depois dentro do templo.

Colocados perante a questão do culto, quem assiste à procissão ou visita o templo manifesta fé por Nossa Senhora de Fátima, mas a maioria, homens ou mulheres, diz não ter estas figuras no imaginário devocional. Em segunda e terceira posições estão São Miguel, o padroeiro da paróquia, e Stº António. Dos restantes, Santa Cruz, símbolo máximo do Divino na festa, aparece com menos referência. Todavia não devemos extrair conclusões sobre esta “religiosidade popular”, apenas ficamos a saber que, através deste inquérito, a devoção dos participantes não está associada a qualquer das figuras circuladas em procissão, como se observa no Gráfico 8.

O mesmo não acontece quando se questiona sobre que andor mais impressionou ou mais agradou, enquanto escultura artística. Foram validadas 876 respostas, com quatro opções relativas ao apreço pela habilidade de compor e pela arte.

Gráfico 8. Distribuição de Santos de acordo com a devoção, por sexo
Graphic 8. Distribution of Saints according of devotion, by gender



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
 Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

A forma da caravela, que transporta a Cruz, símbolo da festa, pela imponência e tipo de estrutura, foi a preferida dos inquiridos, recolhendo 23,5% das opções. A paleta de cores quentes ostentadas por São Miguel fixou a atenção dos apreciadores deste património, ficando este andor em segundo lugar, com perto de 22% de escolhas (Gráfico 9). Estes dados foram extraídos de um universo de 876 respostas.

Gráfico 9. Preferência dos inquiridos por andor
Graphic 9. Preference of responders by pedestal

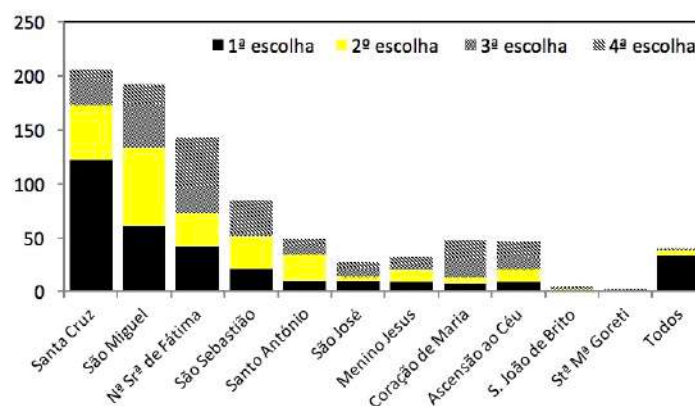


Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
 Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

A devoção centra-se em Nossa Senhora de Fátima, que recolheu 16,3% dos votos, uma peça escultórica, com quadros aprimorados. O Arcanjo São Miguel, com a representação de chamas em vermelho vivo, sensibiliza mais do que a “simbologia feminina” de Fátima. Na quarta posição está o “castelo” de São Sebastião, uma peça a remeter para o imaginário medieval, com uma fortaleza impressionista. Esta peanha colorida arrecadou perto dos 10% dos votos. Depois seguem-se Santo António, Coração de Maria e Ascensão do Senhor, todos acima da fasquia dos cinco pontos percentuais. Sem termos uma explicação plausível, o Menino Jesus e São José, contrariamente ao que poderíamos esperar, devido aos pormenores artísticos e sensibilidade registados na forma da escultura, não mereceram o apreço dos inquiridos. No fundo da tabela ficam São João de Brito e Santa Maria Goretti, sem expressão alguma. Este último plinto é confeccionado por mãos de jovens, num acto de criação e manifestação femininas (Gráfico 10).

Gráfico 10. Preferências pelos andores, com quatro opções

Graphic 10. Preferences by pedestals, with four options



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

Dos dados recolhidos, frisamos a existência de uma dicotomia de resultados, quando analisamos variáveis de devoção e de sensibilidade pela arte de colorir com flores.

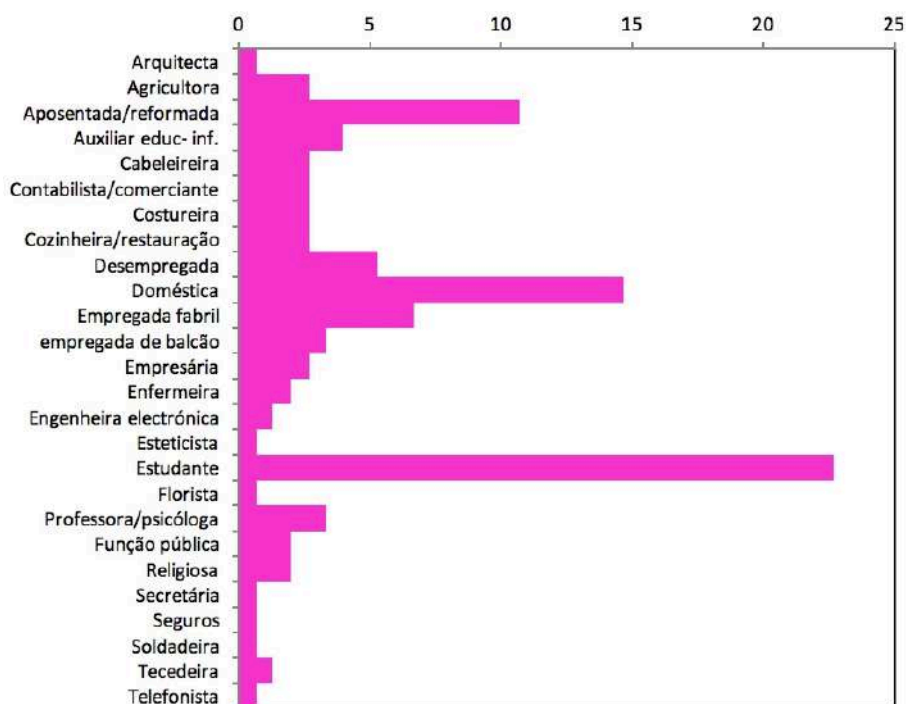
A beleza e a religiosidade figuram num quadro onde Divino e fé não se confundem com o belo, mesmo que alguns andores recriem quadros relacionados com a hagiografia, como Stº António a pregar aos peixes ou São José na carpintaria, associado ao património arquitectónico, a arqueologia industrial da vila, representada num forno de telha/tijolo, e a capela em honra do santo. O mesmo acontece relativamente ao cenário das “Aparições”, em Fátima, sintetizada na escultura florida, preterida como obra de arte neste inquérito, quando comparada com a imponente caravela, o castelo medieval, ou o Inferno com Arcanjo vencendo o Demónio, simbolizando o domínio do bem sobre o mal.

Quadros profissionais e culturais dos participantes na festa

Ao questionarmo-nos sobre a população festivaleira, quanto à proveniência profissional e cultural, abrimos espaço para análise às actividades desempenhadas e à escolarização dos participantes no inquérito. A festa agrega gente de todas as idades, géneros e estados civis. Estruturando as profissões, podemos comparar estas mobilidades de turismo religioso. As mulheres encontram-se representadas por mestres de diversos sectores (Gráfico 11).

Gráfico 11. Representação profissional feminina em momentos festivos

Graphic 11. Female professional representation in festive moments



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

Neste grupo dominam as estudantes, fazendo jus à presença jovem, embora o tecido social seja heterogéneo. Cenário idêntico encontra-se entre os académicos de nível superior, que dominam quantitativamente. O leque profissional é mais extenso entre os homens.

Comparando estes dados por sexos, juntamente com o grupo de aposentados/ reformados, ficamos perante dois pólos, a juventude e a terceira idade, enquanto segmentos sociais e profissionais. Outro conjunto destacado é constituído por domésticas, motoristas e desempregados, cujos quantitativos se aproximam. No seio desta massa humana, há lugar para profissões de elite, como arquitectos, médicos, empresárias, enfermeiras, engenheiras, professores e funcionários públicos de ambos os sexos. A composição é alargada, permitindo-nos dizer: “toda a gente e todo o mundo” entram na dinâmica da folia, partilhando e fruindo o gozo dos encontros e as vivências contagiantes, todos se ligam ao espírito da diversão, para quebrar monotonias.

O quadro profissional feminino exhibe um leque alargado de ocupações; ao associá-las por conjuntos, temos um grupo com desempregadas, reformadas e domésticas, sector terciário e primário com valores idênticos, não obstante o primeiro bloco (desempregadas, reformadas e domésticas) domine com 30,7% dos valores. Observa-se um equilíbrio social e profissional destas “folionas”, sem que haja domínio de algum segmento em apreço. Separando as estudantes, os outros dois grupos participam com indicadores a rondar a casa dos 22 a 24%. A composição profissional feminina está equilibrada, destacando-se a juventude estudantil, seguida por domésticas, juntamente com reformadas e desempregadas.

Elas usufruem do tempo de ócio, interrompendo os compromissos para o convívio e transgressão integradora. Ficar em casa é negar a festa e a vida.

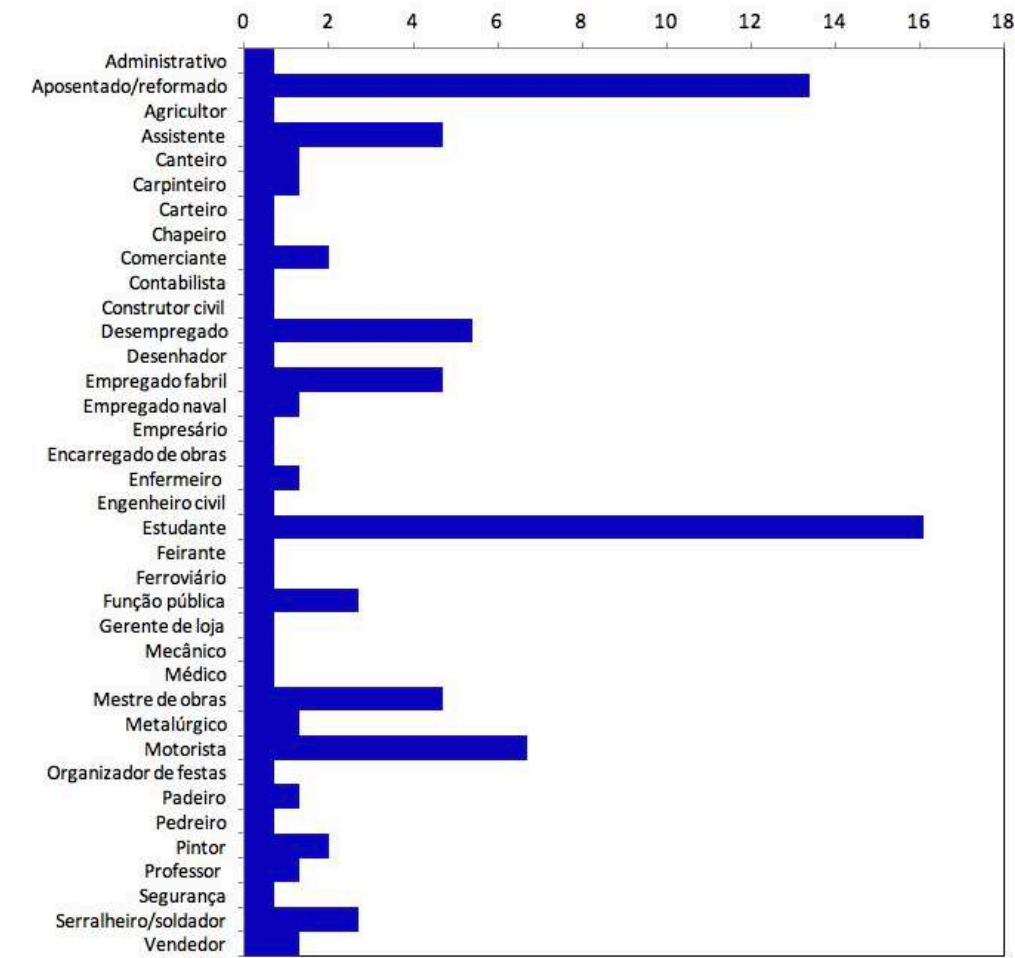
Façamos a idêntica observação ao sexo masculino (Gráfico 12). O leque é mais amplo do que o das mulheres. A primeira nota vai para a juventude estudantil solteira, seguindo-se os reformados, que suplantam os quantitativos femininos. Havendo um perfil profissional diferenciado por sexo, algumas actividades têm o mesmo enquadramento em ambos os géneros: contabilistas, comerciantes, empregados fabris, empresários, enfermeiros, engenheiros, funcionários públicos e professores. As actividades marcadamente masculinas são: pedreiros, pintores, padeiros, chapeiros, carpinteiros, carteiros, canteiros, feirantes, ferroviários, serralheiros, mestres-de-obras, metalúrgicos e motoristas. Não é funcional cotejarmos estes quadros profissionais, por haver actividades desempenhadas de acordo com o sexo, como costureira, cozinheira, doméstica, florista, esteticista, missionária, soldadeira, tecedeira, telefonista e secretária. Sublinhe-se ainda a presença de mestres-de-obras, motoristas e empregados fabris, um conjunto assinalável entre os homens.

Os gráficos em questão sintetizam os perfis dos festivaleiros de ambos os sexos. Um universo profissional alargado marca presença nos momentos de sociabilidades, para fruïrem do deleite proporcionado pelos espectáculos. Uma massa humana partilha momentos de encontro, sem se distinguirem social e profissionalmente, quanto ao sexo e idade ou qualquer outro estatuto.

Falta-nos ver o perfil cultural, embora haja quadros superiores entre pessoas com aptidões e conhecimentos vários, atendendo às funções ocupacionais descritas. Neste contexto, foram validados 322 quesitos. Deste universo e relativamente às habilitações literárias, as respostas dos homens rondam cerca de 47%, cabendo 53,1% às senhoras. Em pormenor, os analfabetos inquiridos são maioritariamente homens e apenas um valor residual é do género feminino. Esta é a primeira nota a sublinhar. No tocante aos detentores de capacidades de ler, escrever e contar, as senhoras rubricam 21,6%, posicionando-se à frente dos varões.

Gráfico 12. Representação profissional masculina nos momentos festivos

Graphic 12. Male professional representation in festive moments



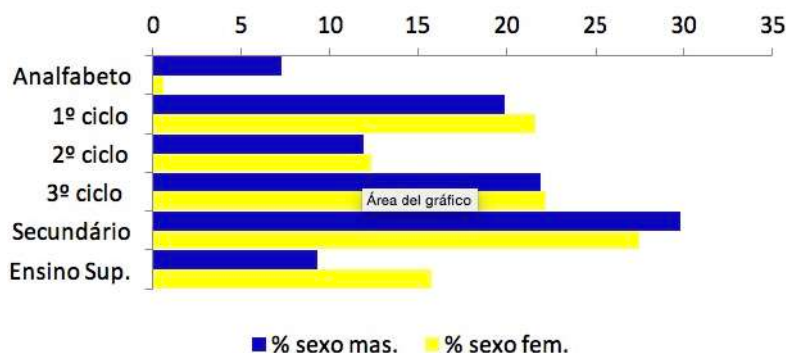
Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

O mesmo cenário é visível relativamente aos detentores de ciclos de estudos subsequentes. Os resultados invertem-se quando nos posicionamos perante quem se enquadra no ensino secundário. Ambos os sexos ficam acima dos 27%, cabendo os números mais expressivos aos rapazes, com perto de 30%. Ao atentarmos no gráfico onde representámos os dados, temos outra “surpresa”: as jovens com habilitações superiores voltam a emergir, com perto de 16%, quando o sexo oposto com títulos universitários fica pelos 9% de participantes (Gráfico 13).

Em síntese, estamos perante um universo demográfico onde o feminino se apresenta com melhores indicadores de habilitações, embora os jovens, que possuem o secundário, exibam mais referências; sobressaem as raparigas com formação superior, relativamente aos rapazes e aos restantes níveis de escolarização.

É importante sublinhar a existência de uma população festivaleira letrada, onde os analfabetos são residuais. Estes não têm lugar nestes ambientes de criação ou não sentem atracção por estes momentos de gáudio, por serem espaços para “outras gerações”? Fica a interrogação.

Gráfico 13. Distribuição de inquiridos por nível de instrução e sexo
Graphic 13. Distribution of respondents by education level and gender



Fonte: inquérito por entrevista, realizado no domingo de tarde e à noite (15/05/2016).
Source: inquiry by interviews carried out on Sunday at afternoon and night (15/05/2016).

Os detentores de estudos de nível secundário afirmam-se pelos 28,6%, seguidos por quem tinha o noveno ano, com 22%; depois aparece quem indicou apenas saber ler, escrever e contar. O número de licenciados é superior a quem possui o segundo ciclo (quinto e sexto ano) e aos analfabetos, nesta amostra.

Conclusões

A festa é um momento importante na vida das comunidades, com paragens para reforço das vivências, criando tempos de prazer e quebrando rotinas, tanto no mundo rural como nos espaços urbanos. Não há festa sem o gesto do anfitrião, convidando, acolhendo e partilhando os tempos de paragem com forasteiros, oferecendo momentos de ócio com diversões, mas também dando oportunidade para a participação nos actos litúrgicos, mesmo que seja uma fruição passiva, pois cabe aos autóctones organizar e promover estes encontros de sociabilidade. Aqui entram os rituais de exibição de riqueza, ostentação e poder (Garcia e Zink, 2002: 12-13), visíveis através dos espectáculos organizados, da presença de bandas filarmónicas contratadas, dos festivais promovidos, da opulência da ornamentação, mas o fogo também define a grandiosidade do acontecimento. Em contrapartida, as cerimónias litúrgicas são indicadores da importância da romaria, visíveis através dos modelos de procissões, da presença de figurantes no séquito religioso e de outras actividades, como a celebração da Eucaristia, da sermonaria, da divulgação pelos meios radiofónicos, canais televisivos e redes sociais. Tudo se conjuga com o poder e a força dos Santos, em representação do Divino.

De acordo com a dimensão, outras actividades, como cortejos históricos e préstitos de andores ou de uma qualquer temática que engrandeça a Herança Cultural, atraem forasteiros. Quase

sempre, os espaços de vivência emergem bem definidos e separados, entre o sagrado e o profano. Quando é possível, de um lado a organização da festividade religiosa, associada a confrarias e fabriqueiras; de outro a componente laico, a cargo de comissões específicas, muitas vezes com verbas de autarquias, como acontece nos meios urbanos.

Alvarães, um caso *sui generis*, tenta viver o tempo festivo em convívio com os povos vizinhos, mas também atrai gente de paragens mais longínquas, promovendo o turismo cultural e religioso. Esta terra oferece o que de melhor conserva: a arte efémera, os andores e cruzeiros floridos, onde toda a população participa, na expectativa de verem os seus dotes e capacidades artísticas admirados e reconhecidos. Esta Festa das Cruzes e Andores Floridos representa um património histórico imaterial único, marca de memória e herança cultural produzida, recriada e exibida ciclicamente há mais de sete décadas.

A dinâmica de alvaranenses nestas celebrações é intensa e transmite-se aos mais jovens, cujo património intangível convida povos vizinhos e gente de várias paragens. Ninguém se alheia destas vivências, todos vêm para gozar o espectáculo, reflectir sobre a vida, para quebrar rotinas, encontrar-se com o Divino, haja ou não afectos pela montra dos santos exibidos em plintos floridos.

Ter o prazer de apreciar a beleza destas peças escultóricas é um privilégio para quem se dirige a Alvarães, por ser uma arte de especial estilo, na forma e no envolvimento de “toda” a população, tendo como oferta um património imaterial único.

Bibliografia

- Amaral, RCMP. (1998). *Festa à brasileira, significados no país que “não é sério”*. Tese de doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo. DOI <https://doi.org/10.11606/t.8.1998.tde-21102004-134208>
- Cepa, MM. (1939). *Monografia de S. Miguel de Alvarães*. Braga, Oficina de S. José.
- Costa, F. (2016). *Do material ao imaterial, Procissões, festas e romarias no Almanach de Lembranças (1851-1932)*. Porto, Universidade do Porto.
- Eco, U. (dir.). (2002). *História da beleza*. Lisboa, Difel.
- Ferreira, S. (coord.). (2015). *Festas e romarias, Norte de Portugal*. Viana do Castelo, Turismo do Porto e Norte de Portugal.
- Garcia, MG. e Zink, JD. (2002). *Fogo de artifício, festa e celebração, 1709-1880*. Lisboa, Biblioteca Nacional.
- Lopes, A. (2004). *Devoção e poder nas festas do Espírito Santo*. Chamusca, Cosmos.
- Oliveira, A. (2010). “Por feiras e romarias entre Douro e Minho a meados do século XVIII (Ponte do Lima/ Arcos de Valdevez)”. En Oliveira, A. *Dinâmicas de Rede no Turismo Cultural e Religioso*. Vol. II. Maia, ISMAI: 277-293.

Oliveira, E. (1984). *Festividades cíclicas em Portugal*. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Pinto, JM. (coord.). (2012). *Festa das Cruzes e Andores Floridos*. Alvarães e Viana do Castelo, Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Sanchis, P. (1992). *Arraial: festa de um povo, as romarias portuguesas*. 2da edição. Lisboa, Publicações Dom Quixote.

Vasconcelos, JL. (1985). *Etnografia Portuguesa*. Vol. IX. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Anexo

Aqui deixamos alguns quadros, através dos quais se pode apreender elementos da evolução e execução dos Andores Floridos e das Cruzes compostas com pétalas de flores.

Figura 1. Cruzes Floridas preparadas por jovens
Figure 1. Flowerd Crosses prepared by young people



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 2. Apontamentos cerceados dos onze andores

Figure 2. Details of the eleven pedestals



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 3. Acima: composição de Santa Maria Goretti e Sagrado Coração de Maria. Abaixo: preparação e composição do andor do Menino Jesus e do Sagrado Coração de Maria

Figure 3. Above: St. Maria Goretti composition and Sacred Heart of Mary. Below: preparation and composition of Christ Child and Sacred Heart of Mary pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 4. Momento de composição. Acima: São João de Brito e São José. Abaixo: São Miguel e São Sebastião
Figure 4. Moment of composition. Above: St. John de Britto and St. Joseph. Below: St. Miguel and St. Sebastian



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 5. Acima: perspectiva de preparação e composição do andor de Santa Cruz. Abaixo: penedo de Santo António e composição de um quadro do andor do Menino Jesus
Figure 5. Above: preparation and composition perspective of Santa Cruz pedestal. Below: St. Anthony boulder and Christ Child painting



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 6. Acima: Coração de Maria (quadro de Ponte da Barca), Nossa Senhora de Fátima (igreja e João Paulo II). Abaixo: Ascensão do Senhor (perspectiva de São Domingos, Viana) e Santo António
Figure 6. Above: Heart of Mary (Ponte da Barca painting), Our Lady of Fátima (church and Pope John Paul II). Below: Ascension of the Lord (perspective of St. Domingos, Viana) and St. Anthony



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 9. Acima: quadro no andor do Coração de Maria, pormenor de composição por uma idosa (São Miguel) e quadro do andor de Santo António. Abaixo: dois apontamentos em momentos de composição nocturna (andor de São Miguel)
Figure 9. Above: painting in Heart of Mary pedestal, detail of composition by an elderly woman (St. Miguel) and painting of St. Anthony pedestal. Below: two pedestals in moments of night composition (St. Miguel pedestal)



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 8. Pormenor de composição no altar-mor da matriz de Alvarães em 2016
Figure 8. Detail of composition of the main altar of Alvarães in 2016



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 10. Andor de Menino Jesus
Figure 10. Christ Jesus pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 9. Andor de Santa Maria Goretti
Figure 9. St. Maria Goretti pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 11. Andor do Coração de Maria
Figure 11. Heart of Mary pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 12. Andor de Nossa Senhora de Fátima
Figure 12. Our Lady of Fátima pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 13. Andor da Ascensão do Senhor
Figure 13. Ascension of the Lord pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 14. Andor de São João de Brito
Figure 14. St. John de Britto pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 15. Andor de São José
Figure 15. St. Joseph pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 16. Andor de São Miguel

Figure 16. St. Miguel pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 17. Andor de São Sebastião

Figure 17. St. Sebastian pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 18. Andor de Santo António

Figure 18. St. Anthony pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 19. Andor de Santa Cruz

Figure 19. Santa Cruz pedestal



Fuente/source: Nuno Barreiros.

Figura 20. Perspectiva do momento processional
Figure 20. Processional moment perspective



Fuente/source: Nuno Barreiros.

* * *

RECIBIDO: 03/08/2020
VERSIÓN FINAL RECIBIDA: 14/08/2020
APROBADO: 18/08/2020
PUBLICADO: 26/01/2021